

QUAL O PAPEL DAS TICs NAS TAREFAS DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL?

Raquel Salcedo Gomes¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo retomar a discussão sobre as tarefas para a educação linguística no Brasil propostas por Bagno e Rangel (2005) sob a perspectiva da contribuição das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), investigando se há e quais são alguns dos projetos de pesquisa em andamento no país que conjugam as duas questões. Para tanto, optamos por investigar as páginas institucionais dos 19 cursos recomendados pela CAPES que oferecem mestrado e doutorado na área de Linguística. Encontramos 25 projetos de pesquisa relacionando a Ciência Linguística e as Tecnologias de Informação e Comunicação. Os dados indicam que o desenvolvimento das TICs acarretou uma complexidade das linguagens, que se ampliam e se hibridizam para gerar novos significados, enunciações e modos de expressão diversos, em um movimento redundante de complexificação das próprias tarefas concernentes à educação linguística no Brasil.

Palavras-chave: Tarefas da educação linguística. Letramentos. Linguagens. Tecnologias da informação e comunicação (TICs). Pesquisa em linguagem e tecnologia.

ABSTRACT

This work is aimed at resuming the tasks for language education in Brazil proposed by Bagno and Rangel (2005) from the perspective of the contribution of information and communication technologies, investigating if there are and which are some of the research projects being developed in the country that combine these two issues. To this end, we have chosen to investigate the institutional sites of the nineteen (19) courses recommended by CAPES offering masters and doctorates in the field of Linguistics. We have found twenty-five (25) research projects relating Linguistic Science and Information and Communication Technologies. The data indicate that the development of ICT field has led to a complexity of languages, which are amplified and hybridized to generate new meanings, utterances and different modes of expression, a movement of redundant complexification in the tasks that concern language education in Brazil.

Keywords: Tasks in language education. Information and communication technologies (ICTs). Literacies. Languages. Research in language and technology.

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pela UNISINOS, professora da Rede Municipal de Educação de Novo Hamburgo e tradutora pública.

INTRODUÇÃO

Diversos linguistas brasileiros propuseram, em diferentes épocas, tarefas para a ciência linguística em âmbito nacional. A atitude foi inaugurada por Aryon Rodrigues em seu artigo antológico *Tarefas da linguística no Brasil*, de 1967. Em 1973, Paulino Vandresen publica *Tarefas da Sociolinguística no Brasil*, retomado por Ana Zilles e Carlos Faraco no artigo *As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanço e perspectivas*, de 2006. Marcos Bagno e Egon Rangel publicam, em 2005, prestigiando os antecessores, *Tarefas da Educação Linguística no Brasil*, com vistas à definição das “áreas de reflexão e atuação mais importantes para a implementação de uma política de educação linguística no Brasil” (p. 63).

Bagno e Rangel (2005) propõem um conceito irrestrito de educação linguística, definindo-a como um conjunto de fatores socioculturais que possibilitam a um indivíduo desenvolver e ampliar o conhecimento sobre a língua materna, sobre outras línguas, a linguagem e os outros sistemas semióticos, durante toda sua existência. Embora compreendam que a educação linguística se estenda a toda a vida dos falantes, eles definem seis áreas de atuação como estratégias de ação no âmbito estrito da educação escolar: letramento; português brasileiro; norma, variação e mudança linguística; reflexão linguística; literatura e direitos linguísticos.

Este trabalho tem por meta retomar as tarefas de Bagno e Rangel (2005) sob a perspectiva da contribuição das tecnologias de comunicação e informação (TICs), investigando se há e quais são alguns dos projetos de pesquisa em andamento no país que conjugam as duas questões. Ao discorrermos sobre o estatuto atual da pesquisa, reiteramos que a inclusão digital dos cidadãos brasileiros é condição *sine qua non* para o desenvolvimento da educação linguística na contemporaneidade.

A proposta justifica-se, porque diversos estudiosos em áreas das Ciências Humanas (a exemplo de Lévy, 1999, e Castells, 2003, discutidos a seguir) defendem que a agregação das tecnologias digitais à cultura tem transformado os modos de interação social, a maneira como se constrói conhecimento e deve conformar as mudanças que sobrevirão à sociedade nos próximos anos. Como processo imanente à vida humana e área inserida na estrutura escolar, a educação linguística deve

acompanhar essas mudanças e, mais do que isso, aproveitá-las para benefício dos objetivos a que se propõe, dentre eles, as tarefas concebidas por Bagno e Rangel (2005).

Consta na página eletrônica da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), o Grupo de Trabalho em Linguagem e Tecnologias, cujo plano para o biênio 2010-2012 prevê a realização de um “levantamento histórico das pesquisas produzidas no Brasil envolvendo Práticas sociais da linguagem mediada pela tecnologia e a elaboração de um panorama do estado da arte em termos de temas e de metodologia de pesquisa” (Plano de trabalho biênio 2010-2012, p. 01). Nesse sentido, este artigo intenta colaborar para o cumprimento dessa meta, contribuindo através do levantamento de dados a partir do meio digital.

CULTURA, EDUCAÇÃO E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

A educação linguística enquadra-se em uma área mais ampla, a política ou as políticas linguísticas. Para Bagno e Rangel (2005), fazem parte da educação linguística os mitos e as crenças, bem como a postura ideológica frente às línguas. Schiffman (2006), por seu turno, separa a cultura linguística da política linguística, postulando que a primeira se refere às crenças dos falantes e a segunda diz respeito às medidas oficiais tomadas pelos órgãos governamentais em relação às línguas, advertindo que, muitas vezes, existem profundas diferenças entre ambas.

Os três conceitos são pertinentes e estão imbricados. A cultura linguística se faz presente em cada falante e nas várias esferas de uma sociedade e pode ser ratificada ou retificada dependendo das políticas implementadas e da educação linguística exercida tanto pela escola como por outros atores diversos, como os movimentos políticos locais e nacionais, os meios de comunicação de massa e os processos de midiatização da sociedade.

Bagno e Rangel restringem suas tarefas à educação linguística praticada pela escola (2005, p. 64), afirmando haver uma crise com relação ao ensino de língua no âmbito escolar. Para eles, a política linguística defendida nos documentos oficiais, como PCNs, leis e diretrizes, chega incipientemente ao âmbito acadêmico dos cursos

de Letras e, como consequência, com menos vigor ainda às práticas educacionais nas escolas.

A crise instala-se, porque o professor percebe que deveria ensinar de modo diferente, não apenas transmitindo normas gramaticais e termos de classificação, mas não sabe como fazê-lo e arrisca-se a cair em uma armadilha de extremos, tornando suas aulas puras prescrições ou deixando de ensinar registros e variedades linguísticas diversos por “respeito” ao modo de falar local de seus alunos.

As seis áreas de atuação propostas por Bagno e Rangel (2005) são emergentes enquanto tentam abordar essas lacunas provocadas pelo descompasso entre o que é pretendido e o que é praticado na atual educação linguística em escolas brasileiras. Esse descompasso, porém, não pode ser atribuído somente a um dos atores do processo educacional. São múltiplos fatores que o desencadeiam, envolvendo as políticas, a cultura, a história e a educação linguísticas.

Sem dúvida, a universidade tem seu papel no desenvolvimento da educação linguística, na formação de professores e no desenvolvimento de pesquisas e métodos que apontem caminhos rumo à efetiva ponte entre teoria e prática, entre o que se quer e o como chegar lá. Portanto, a reflexão se faz necessária, na tentativa de indicar direções. Nesse intento, passo a retomar cada uma das proposições de Bagno e Rangel (2005).

O letramento, concebido por Kleiman como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (1995, p. 81), mais que mera habilidade, refere-se à prática da cidadania. Em uma sociedade letrada, na qual direitos e deveres são expressos por meio de registros documentais, é essencial que cada cidadão tenha intimidade com a língua escrita, o que ainda não ocorre eficientemente no Brasil, país em que a escola era inacessível à maioria da população até meio século atrás, que acabou desenvolvendo uma tradição oral marcante, perpetuada também pelos meios de comunicação de massa (ZANCHETA JUNIOR, 2008, p. 149).

A necessidade de privilegiar o português brasileiro como norma culta a ser ensinada na escola dá-se para que haja identificação entre o estudante e a língua estudada e, mais do que isso, entre a realidade escolar e a vida fora da escola.

Além disso, o português brasileiro já desenvolveu formas linguísticas estáveis e exclusivas, como é o caso do emprego dos pronomes oblíquos ou a pronominalização da expressão “a gente”, que são regularmente utilizadas, embora muitas vezes tratadas pelos gramáticos como “erros”. É uma questão de coerência que a língua em estudo seja a mesma utilizada no cotidiano, de modo a permitir questionamentos sobre as variantes mais adequadas a cada situação.

A questão da norma, variação e mudança linguística está relacionada à transformação daquilo que Schiffman (2006) chama de cultura linguística, ou seja, das crenças, dos mitos e da ideologia sobre a língua. A cultura linguística brasileira tende a ver a língua falada no Brasil como um monolito linguisticamente homogêneo e cristalizado, que só se concretiza no imaginário dos falantes, de acordo com o senso comum, pois, com a extensão e a variedade étnica que tem, o Brasil não tem como ser um país de uma só língua. Existem influências das múltiplas línguas das etnias diversas que compõem o povo brasileiro e variações causadas pelo próprio distanciamento geográfico entre os lugares. Essa crença tem raízes políticas de manutenção do estado-nação, mas consequências negativas para os indivíduos e grupos que divergem da “língua-padrão”.

Sem dúvida, cabe à escola atual buscar corrigir essa ideia nociva e preconceituosa, que é também reducionista, pois minimiza os saberes e as potencialidades que a pluralidade linguística oferece. Por isso, a proposta de Bagno e Rangel (2005), de incentivar a reflexão linguística de modo a pensar a língua, o sistema, o texto, a enunciação, a gramática como modos de funcionamento da língua em uso torna-se atitude relevante para uma educação linguística de qualidade. Evidentemente, deve-se ressignificar o conceito de gramática, abandonando a ideia de prescrição e abraçando a de adequação, de emprego apropriado a cada contexto, o que enriquece os saberes, não menosprezando a norma nem as variedades periféricas, mas analisando-as lado a lado como alternativas, possibilitando ao estudante a liberdade de decidir e instrumentalizando-o para fazê-lo de modo confiante e consciente.

A valorização da literatura liga-se às demais áreas propostas aqui retomadas. Da literatura

participam o letramento, como prática social, a valorização da língua brasileira, as diversas variedades, não só geográficas e sociais, como também históricas, e a reflexão sobre a língua possibilitada pelo contato com textos literários variados. Além disso, a literatura pode ocupar profícua função de entretenimento, sendo relevante mostrar, mediante a educação linguística, que a literatura está na raiz das atuais fontes principais de lazer e divertimento: cinema e narrativas midiáticas e transmidiáticas, como a trama narrativa do filme *Matrix*, complementada por vídeo games acessados na Internet.

Por fim, Bagno e Rangel (2005) sugerem a pauta dos direitos linguísticos como primordial para a educação linguística de qualidade. Os autores mencionam a política de repressão linguística exercida no Brasil imperialista como responsável pelo mito da língua única e destacam a importância da garantia dos direitos explicitados na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, assinada pela Unesco em 1996. Cabe à escola apresentar esses direitos aos estudantes e buscar refletir em conjunto sobre maneiras de lutar por eles.

As tarefas propostas por Bagno e Rangel (2005) para a educação linguística são desafiadoras, uma vez que preveem a correção de antigas políticas linguísticas excludentes e de uma cultura linguística ancestral. Para sua efetiva implementação, podem colaborar as TICs e a cultura que está se construindo em seu entorno.

Pierre Lévy (2000) advoga que o uso em rede das tecnologias digitais pode permitir a construção coletiva do conhecimento, construído, armazenado e divulgado na Internet, concebida pelo autor como a nova *ágora* (praça em que os cidadãos gregos discutiam política e lutavam por seus direitos) do milênio, uma *ágora* digital, na qual os cidadãos podem formar movimentos variados independentemente do tempo e do espaço. A proposição de Lévy vem recebendo críticas devido a seu ufanismo tecnológico. De qualquer modo, o teórico marcou época na virada do século por cunhar o termo “cibercultura”.

Manuel Castells (2003) discorre sobre uma sociedade em rede, na qual a “rede é a mensagem” (p. 8) e na qual detêm mais poder e oportunidades aqueles que estão mais conectados. Da mesma forma que a língua pode atuar como instrumento de poder (Bourdieu, 1983), o uso proficiente das TICs

pode funcionar como arma de inclusão ou exclusão em uma sociedade ainda compartimentada como é a brasileira.

Nos ambientes digitais, a linguagem verbal está em interação com outras linguagens, como imagens, vídeos e sons, de modo que as TICs vêm também a complexificar as tarefas da educação linguística, pelo fato de seu uso proficiente servir como mais uma espécie de capital simbólico na sociedade e exigir letramentos múltiplos, na convergência das diferentes linguagens. A pesquisa envolvendo tópicos das tarefas da educação linguística em ambientes digitais e em contextos tecnológicos pode aproximar horizontes e construir pontes que possibilitem tanto a inclusão linguística quanto a inclusão digital.

INCLUSÃO DIGITAL NO BRASIL

O governo federal possui um portal sobre inclusão digital na Internet², que lista, atualmente, 21 programas sociais promovidos ou apoiados pela federação. Os programas relacionam-se a diferentes setores da sociedade, desde pesca, através do programa Maré, que prevê a instalação de centros de inclusão digital a comunidades pesqueiras, até associações empresariais, através do TIN - Telecentros de Informação e Negócios, que visam à implantação de telecentros e salas de informática em associações empresariais, prefeituras, entidades sem fins lucrativos e instituições do terceiro setor.

No que concerne à educação, listam-se os seguintes programas: CDTC - Centro de Difusão de Tecnologia e Conhecimento, que visa a qualificar, por meio da Internet (ensino a distância), servidores públicos e cidadãos em geral no uso de *softwares* livres; o programa Banda Larga nas Escolas, que pretende atender os estudantes do ensino básico do país; o programa Computador Portátil para Professores, que visa a criar condições para facilitar a aquisição de computadores portáteis para professores das redes pública e privada credenciadas junto ao MEC, a baixo custo e com condições de empréstimo diferenciadas; o ProInfo - Programa Nacional de Informática na Educação, que objetiva introduzir o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas da rede pública; e o UCA - Projeto Um Computador por Aluno, que tem a

² <http://www.inclusaodigital.gov.br>.

finalidade de promover a inclusão digital, por meio da distribuição de um computador portátil para cada estudante e professor de educação básica em escolas públicas.

Ao todo, somam-se cinco programas no portal que se referem à educação. Infelizmente, o cumprimento do cronograma de alguns deles está atrasado, como é o caso da instalação de banda larga em escolas rurais, previsto para 2010, mas ainda não efetivo em muitas escolas rurais do Brasil. Os programas existem, mas, além de lentamente implementados, não são amplamente divulgados.

Também o acesso à Internet no Brasil é ainda insuficiente. De acordo com dados do *World Bank*³, o Brasil tinha 53,020,000 milhões de usuários da Internet em 2006; em 2007, o número aumentou para 58,717,000 milhões; em 2008, houve uma vertiginosa alta para 72,027,696 milhões, alcançando, em 2009, a marca de 75,943,648 milhões de usuários.

Com uma população, segundo a mesma fonte, de 193,733,795 milhões de habitantes, a taxa percentual de acesso no país é ainda baixa, menor do que 50%, fixando-se em 39,2%. Em países como Canadá, Alemanha, Japão e Estados Unidos, a taxa aproxima-se a 80% de acesso. O país com maior número de usuários é a Islândia, com 94,5% de usuários na rede.

Não é necessário chegar a 100% de acesso, uma vez que em todas as populações existem pessoas incapacitadas de usar a rede, como crianças muito pequenas e pessoas com limitações de saúde diversas. Adicione-se a isso o fato de que o mero acesso à rede não garante a inclusão do usuário. Mais do que acessar a Internet, é preciso saber como utilizá-la de maneira profícua, portanto, fala-se hoje em dia em letramento digital, conceito exportado da própria ciência linguística, como afirmam Bagno e Rangel (p. 70), que consiste no uso proficiente das mídias digitais que perpassa os processos e as práticas sociais da contemporaneidade.

A fim de investigar modos de conjugar os dois letramentos e de discutir sobre o investimento em uma educação linguística que contemple também os meios digitais, procedemos à busca por pesquisas dessa natureza no âmbito acadêmico em programas de pós-graduação na área de estudos linguísticos.

PESQUISA EM LINGUÍSTICA E TECNOLOGIAS

Na página da *web* de cursos recomendados pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), há 30 cursos de pós-graduação em Linguística e áreas afins. Deles, 11 oferecem apenas pós-graduação em nível de mestrado, ao passo que 19 contemplam mestrado e doutorado. Por uma questão de delimitação de *corpus*, optamos por investigar as páginas institucionais dos 19 cursos recomendados que oferecem mestrado e doutorado. Nossa intenção não é o esgotamento do assunto, mas o levantamento de alguns dados e a discussão sobre eles, a fim de contribuir para a discussão sobre o estatuto das pesquisas nesse campo.

Nas páginas institucionais dos 19 programas de pós-graduação investigados, encontramos 25 projetos de pesquisa relacionando a Ciência Linguística e as Tecnologias de Informação e Comunicação. Destes, 14 são desenvolvidos em Programas de Pós-graduação de universidades públicas e 11 em PPGs de instituições privadas. A Tabela 1 lista os PPGs pesquisados e as respectivas páginas eletrônicas.

Dos 25 projetos encontrados, 19 deles tratam de questões diretamente relacionadas a ensino/aprendizagem de línguas (materna ou estrangeira/adicional) em contextos digitais, ao passo que seis desenvolvem estudos linguísticos ligados à tecnologia em outros âmbitos, como situações de trabalho e construção de *corpora* linguísticos digitais, uma vez que os campos de investigação da Linguística, especialmente da Linguística Aplicada, têm se ampliado nos últimos anos, com a inserção de pesquisas sobre o uso da língua em contextos sociais diversos.

No que concerne à distribuição geográfica das pesquisas, a maioria delas – 15 – são desenvolvidas em universidades da região sudeste do Brasil. Oito projetos estão em andamento em instituições da região sul e dois em universidades situadas na região nordeste. Não foram localizados projetos em universidades das regiões norte e centro-oeste. Esses

³ O *World Bank* ou Banco Mundial é uma instituição financeira internacional cuja missão inicial foi de financiar a reconstrução dos países devastados pela Segunda Guerra. Com o tempo, a missão evoluiu para a construção de dados estatísticos e financiamento do desenvolvimento dos países mais pobres. Disponível em: <<http://data.worldbank.org>>.

dados refletem a própria distribuição geográfica de universidades no Brasil, cuja maioria se situa nas três primeiras regiões assinaladas, que abrigam também as instituições mais antigas e de maior tradição acadêmica.

Dentre as universidades da região sudeste, pesquisamos os PPGs da PUC-RIO, PUC-SP, UFF, UFU, UNESP/SJRP, UFJF, UFRJ, UFSCAR, USP e UNICAMP. No PPG em Estudos da Linguagem da PUC do Rio de Janeiro, encontramos a linha de pesquisa *Descrição do português, ensino e tecnologia* e quatro projetos de pesquisa: *Elaboração de recursos eletrônicos: léxico computacional e modelos sintáticos formais*; *Aspectos*

Sociolinguísticos de “Callcenters”; *A interação mediada por computador*; e *Modernidade Tardia e Tecnologias para Comunicação no contexto do Trabalho*.

Desses, apenas o projeto *Interação mediada por computador* se refere explicitamente ao ensino e à aprendizagem de língua em contexto digital, mas os resultados dos outros três também podem favorecer a educação linguística, uma vez que podem fornecer subsídios e conteúdo para aulas de língua portuguesa e materiais didáticos. É o caso do projeto *Aspectos Sociolinguísticos de “Callcenters”*, que pode prover dados para uma pedagogia da variação linguística em conformidade com a área

Instituição	UF	Nome do ppg	Endereço eletrônico
PUC-RIO	RJ	Estudos da linguagem	http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/proglet.html
UFF	RJ	Estudos de linguagem	http://www.posling.uff.br/
UFU	MG	Estudos linguísticos	http://www.mel.ileel.ufu.br/
UNESP/SJRP	SP	Estudos linguísticos	http://www.estudoslinguisticos.ibilce.unesp.br/projeto_andamento.php
UCPEL	RS	Letras	http://antares.ucpel.tche.br/poslet/
UFC	CE	Linguística	http://www.pppling.ufc.br/
UNB	DF	Linguística	http://ppgl.unb.br/site/
UFJF	MG	Linguística	http://www.ufjf.br/ppglinguistica/
UEPB/J.P.	PB	Linguística	http://www.cchla.ufpb.br/proling/index.php
UFRJ	RJ	Linguística	http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/
UFSC	SC	Linguística	http://pos.ufsc.br/linguistica/index.html
UFSCAR	SP	Linguística	http://www.ppgl.ufscar.br/novo/
USP	SP	Linguística	http://linguistica.fflch.usp.br/node/446
UNICAMP	SP	Linguística	http://www.iel.unicamp.br/pesquisa/projetos.php
UNISINOS	RS	Linguística aplicada	http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada/projetos-de-pesquisa
UNICAMP	SP	Linguística aplicada	http://www.iel.unicamp.br/pesquisa/projetos.php
PUC-SP	SP	Linguística aplicada e estudos da linguagem	http://www.pucsp.br/pos/lael/
PUC-RS	RS	Linguística e letras	http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/faleppg/ppgl
UNESP/ARAR	SP	Linguística e língua portuguesa	http://www.fclar.unesp.br/poslinpor/linhasdepesquisa_1.php?id=poslinpor

Tabela 1 - Instituições pesquisadas conforme site da CAPES.

de atuação proposta no artigo sobre as tarefas, podendo revelar também crenças estabilizadas pela cultura linguística.

No PPG em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC de São Paulo, não constavam projetos sobre educação, linguagem e tecnologia no site, porém o PPG conta com a linha de pesquisa *Linguagem, Tecnologia e Educação*, além do grupo de pesquisa *EDULANG*, que se dedica à pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem de línguas em contextos digitais, especialmente a Internet.

No site do PPG em Estudos da Linguagem da UFF (Universidade Federal Fluminense), foi encontrado o projeto *Linguagens na Ciberultura*, que também pode fornecer subsídios à educação linguística ofertada pela escola. Na página do PPG em Estudos Linguísticos da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), não foram encontrados projetos, pois o link para os projetos em andamento pelo PPG estava inacessível no momento da busca.

O mesmo não aconteceu com a página do PPG em Estudos Linguísticos da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto. Lá, encontramos cinco projetos de pesquisa em andamento. Quatro deles tratavam diretamente de questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem: *O professor mediador: crenças, ações e seus reflexos nas práticas docentes dos envolvidos no tandem a distância; Ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras In-Teletandem: Investigando as características linguísticas, culturais e pedagógicas da interação entre pares de aprendentes de diferentes línguas; Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos; e Oralidade e Letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital*. O outro projeto, *Tratamento informático de corpora para estudos linguísticos e literários*, alia-se àqueles que podem beneficiar esse campo indiretamente.

A UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) tem um PPG em Linguística, no qual está em desenvolvimento o projeto *FrameNet Brasil*, que visa à construção de uma base de dados lexical on-line para o português brasileiro, baseada na Semântica de Frames e em evidência de *corpus*. Esse projeto pode contribuir para a valorização do português falado no Brasil, abrangendo essa área de atuação proposta por Bagno e Rangel (2005).

Na página do PPG em Linguística da UFRJ, não constavam projetos, porém o PPG conta com a linha de pesquisa *Tecnologia e inovação em*

linguística, que pesquisa a linguística nas inter-relações com outras áreas do conhecimento, como a utilização de tecnologias de ponta, os paradigmas linguísticos diferenciados sobre o letramento, buscando elaborar subsídios para a pesquisa, a documentação e o ensino de línguas.

Da mesma forma, no site do PPG em Linguística da UFSCAR, não foram disponibilizados projetos de pesquisa, porém o PPG conta com a linha: *Linguagem humana e tecnologia*.

No site do PPG em Linguística da USP, encontramos o projeto *Linguística e tecnologia informatizadas*. O projeto reúne docentes, pós-graduandos e ex-alunos de pós-graduação com o objetivo de promover intercâmbio de experiências entre pesquisadores da área de exatas, das humanidades e em geral. Dedicase ao exame de usos e aplicações de tecnologias informatizadas nos estudos da linguagem através da geração de bases de dados (corpora eletrônico) de diferentes finalidades (ensino, pesquisa de autoria, diagnóstico) e da análise das bases geradas por ferramentas informáticas e métodos estatístico-descritivos.

Ainda na região sudeste, encontramos, no site do PPG em Linguística Aplicada da UNICAMP, os projetos *Letramento, Fronteiras e Cultura Digital e E-Lang*, que agrega iniciativas centradas na pesquisa e no uso do computador como instrumento e meio de ensino de línguas. Ambos os projetos favorecem as seis áreas de atuação reivindicadas por Bagno e Rangel (2005), uma vez que todas estão presentes também nos contextos digitais, que inclusive favorecem o surgimento de novas variedades linguísticas da língua escrita, próprias à escrita nesses ambientes.

Na região sul, encontramos projetos na UCPEL, UFSC, UNISINOS e PUC-RS. Na página da UCPEL (Universidade Católica de Pelotas), existem quatro projetos de pesquisa em andamento, dois deles referentes à linguagem utilizada em redes sociais: *Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és – conversação e as redes sociais na Internet* e *Retratos digitais: auto-representação, discurso e identidade no Orkut*; e dois deles referindo-se à aprendizagem na Internet: *Aprendendo em nuvem: ensino de línguas online (ANELO)* e *Produção de Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas Online*.

No website do PPG em Linguística da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), encontramos o projeto: *Linguagens e leitura crítica*

dos processos comunicacionais com múltiplas tecnologias na educação presencial e a distância e, dentre suas 11 linhas de pesquisa, identificamos a linha de pesquisa 4: *Linguagem, discurso, cultura escrita e tecnologia*, pertencente à área de concentração em Linguística Aplicada.

O PPG em Linguística Aplicada da UNISINOS (Universidade do Vale do Sinos) tem como área de concentração os temas *Linguagem, tecnologias e interação*, desenvolvendo, presentemente, o projeto de pesquisa: *Objetos de aprendizagem como hipergênero em Língua Portuguesa*, também fornecendo subsídios para uma pedagogia que valorize a língua portuguesa falada no Brasil e as variações que surgem a partir do uso da língua *on-line*.

Em conclusão à investigação em universidades da região sul, encontram-se em andamento, no site do PPG em Linguística e Letras da PUC-RS, o projeto *Estratégias de leitura em ambiente virtual: pesquisa, ensino e extensão* e o *Projeto E-book e Audiobook*, que tem como objetivo gerar e comparar um *audiobook* e um *e-book* no que se refere à compreensão, ao processamento e à aprendizagem.

Partindo para a região nordeste, foram realizadas buscas nos sites dos PPGs em Linguística da UFC e da UFPB de João Pessoa. No site desta última, não constavam projetos sobre educação, linguagem e tecnologia, mas, na página do PPG da UFC (Universidade Federal do Ceará), foram encontrados dois projetos de pesquisa em andamento: *Práticas de linguagens na web: links entre gêneros, letramentos, hipermodalidade e convergências de mídias* e *A manifestação da afetividade através da hipermodalidade presente em buddypokes do Orkut*, ambos podendo contribuir para a educação linguística proposta por Bagno e Rangel (2005) para o Brasil no que se refere ao letramento e à variação linguística.

Considerando que foram encontrados 25 projetos nas 19 universidades pesquisadas, estatisticamente, podemos admitir mais de um projeto para cada programa de pós-graduação, levando em conta ainda que as páginas de alguns PPGs não disponibilizam seus projetos *on-line*. Os dados evidenciam uma preocupação nos meios acadêmicos em ampliar as investigações sobre a língua e o ensino e a aprendizagem de línguas aos

contextos digitais, em um movimento de “inclusão digital” da Ciência Linguística no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando definem o conceito de Educação Linguística, Bagno e Rangel (2005) reclamam para ela o desenvolvimento e a ampliação do conhecimento sobre a linguagem e sobre “todos os demais sistemas semióticos” (2005, p. 63). Dentro desses, podemos incluir as várias linguagens presentes no meio digital, como linguagens verbais, imagéticas, sonoras e as linguagens sincréticas e multimodais que daí decorrem. Segundo Fraga (2011, p. 17), o computador não pode ser pensado apenas como ferramenta ou dispositivo, com a mera transposição para o computador de práticas comunicacionais que se realizam em contextos de cultura impressa.

A tecnologia digital transforma o analógico em numérico e possibilita diversas linguagens a partir de um simples código binário de zeros e uns. De acordo com Edmond Couchot: “a ordem numérica torna possível uma hibridização quase orgânica das formas visuais e sonoras, do texto e da imagem, das artes, das linguagens, dos saberes instrumentais, dos modos de pensamento e percepção” (COUCHOT, 1993, p. 47).

Podemos dizer que o desenvolvimento das TICs acarretou uma complexificação das linguagens, que se ampliam e se hibridizam para gerar novos significados, enunciações e modos de expressão diversos. Portanto, cabe falar em uma mudança no próprio conceito de letramento, que prevê, mais do que a proficiência na linguagem escrita, uma proficiência nas demais linguagens, que concorrem e compartilham espaço na “sociedade em rede” (CASTELLS, 2003).

Evidentemente, as áreas de atuação propostas por Bagno e Rangel (2005) estão sendo implementadas no meio acadêmico e têm, por conta disso, potencial para chegar à escola, enriquecidas pelos desdobramentos das diversas linguagens nos meios digitais. Permanece, por fim, o desafio da inclusão digital e de seu letramento no que concerne ao uso da língua e das várias linguagens presentes nas TICs, o que significa uma complexificação das tarefas concernentes à educação linguística no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANPOLL. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística**, GT Linguagem e tecnologias. **Plano de Trabalho biênio 2010-2012**. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/portal/gts/#>>. Acesso em: 22 nov. 2011.
- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon. **Tarefas da educação lingüística no Brasil. Revista brasileira de lingüística aplicada**, v. 5, p. 63-82, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado lingüístico. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero, 1983. p. 95-107.
- CAPES, **Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos pela**. Disponível em: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarles&codigoArea=80100007&descricaoArea=LING%DC%CDSTICA%2C+LETRAS+E+ARTES+&descricaoAreaConhecimento=LING%DC%CDSTICA&descricaoAreaAvaliacao=LETRAS+%2F+LINGU%CDSTICA>>. Acesso em: 12 jun. 2012.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2003.
- COUCHOT, Edmond. Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração. In: PARENTE, André. **Imagem máquina**: a era das tecnologias do virtual. São Paulo, SP: Editora 34, 1993.
- FRAGA, Dinora Moraes de; AXT, Margarete. (Orgs.). **Políticas do virtual**: inscrições em linguagem, cognição e educação. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2011.
- KLEIMAN, Angela; SIGNORINI, Inês. (Orgs.). **O ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2001.
- INCLUSÃO DIGITAL, **Portal da**. Disponível em: <<http://www.inclusaodigital.gov.br>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2000.
- SCHIFFMAN, Harold. Language policy and linguistic culture. In: Thomas Ricento (ed.) **An introduction to language policy**: theory and method. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006, p. 111-125.
- VANDRESEN, Paulino. **Tarefas da Sociolinguística. Revista de Cultura**, Vozes, v. LXVIII, n. 8, p. 5-11, 1973.
- WORLD BANK, **Dados do**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- ZANCHETA JUNIOR, Juvenal. **Apontamentos para uma política educacional sobre mídia na escola brasileira. Pro-Posições**, v. 19, n. 1 (55), jan./abr. 2008.
- ZILLES, Ana M. S. e FARACO, Carlos A. As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanço e perspectivas. In: Gorski, Edair M.; Coelho, Izete L. (Orgs.). **Sociolinguística e ensino** – Contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, p. 23-52, 2006.